

Embrapa Gado de Leite
Comunicação & Negócios

Reflexões sobre sucessão e identidade entre produtores de leite que visitaram a Embrapa
Gado de Leite

Vanessa Aparecida da Silva - Estudante de Ciências sociais da UFJF
Sergio Rustichelli Teixeira - Pesquisador da Embrapa Gado de Leite
William Fernandes Bernardo - Analista da Embrapa Gado de Leite

Juiz de Fora - MG
2010

Resumo

Um dos desafios do setor leiteiro é considerar, além das ações econômicas e tecnológicas de se produzir leite, o ser humano que trabalha na atividade leiteira, sobretudo na produção. Este artigo tem por objetivo avaliar o ponto de vista de produtores de leite sobre sua sucessão na propriedade e atividade leiteira. No período de 2004 a 2008 foram preenchidos 853 cadastros de produtores que fizeram visita técnica à Embrapa Gado de Leite no Campo Experimental de Coronel Pacheco. Por telefone, em 2010, foram entrevistados 179 produtores para saber, além do impacto da visita em seu trabalho profissional, as condições de sucessão na atividade leiteira. Os pequenos produtores familiares consultados, devido à baixa rentabilidade da atividade leiteira, não consideram um bom futuro para seus filhos permanecerem como produtores de leite, apesar da atividade atender suas necessidades primárias como alimentação e moradia. Estes pequenos produtores se identificam como “produtores de leite” e dificilmente abandonam a atividade. Pessoas de outras atividades, principalmente urbanas, que tem uma propriedade leiteira, consideram a atividade em si, ou seja, enxergam-na apenas como um negócio ou um prazer e não tem muito a falar sobre sucessão.

Palavras-chave: tecnologia, gestão, pesquisa

Abstract

One of the challenges of the dairy industry is to consider, beyond the economic and technological actions of producing milk, the human being in the industry, mainly the production. This article has the objective to evaluate the point of view of milk producers on its succession in the milk activity. In the period between 2004 and 2008 Embrapa Dairy Cattle have made 853 registration of the opinion of farmers that made a technical visit to the Experimental Farm of Colonel Pacheco. By telephone, in 2010, 179 farmers had been interviewed to know on its succession in the milk property and what they think about having its descent continuing in the activity. The small consulted familiar producers, had low profit out of their dairy, do not consider a good future for their children to remain in the activity, although dairy can supply the primary needs such as feeding and housing. These small producers have strong identity conviction about being “producers of milk” and hardly they abandon the activities. People of other activities, mainly urban, that has a dairy farm, consider the activity only as a business or pleasure and does not have much to speak on succession.

Keywords: technology, management, research, extension

INTRODUÇÃO

A política de investimentos intensivos do governo em tecnologias para a agropecuária, durante as décadas de 1970/80, tanto em qualificação profissional quanto em pesquisa, contribuiu para que o Brasil passasse a ocupar um lugar de destaque como um dos principais produtores de leite no mundo. O estado de Minas Gerais, desde o século XIX, tem se destacado nesta atividade e conta com várias instituições relacionadas à pesquisa e extensão. Ao longo do tempo, as mudanças no contexto global alteraram as relações sociais decorrentes de um novo padrão econômico, característicos da modernidade. Para o produtor de leite, e em geral para o homem do campo, o novo contexto significa mudanças radicais no dinamismo de hábitos tradicionais e no impacto de suas ações. De acordo com Giddens (2002):

“A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira indireta com a vida individual e, portanto com o eu.” (p.9)

A relação dialética entre as influências globalizantes e as configurações pessoais, estendem-se ao modo de agir do produtor, ou seja, o produtor encara como uma limitação pessoal o fato de não conseguir incorporar a especialização de sua atividade. Para Bourdieu (2007) é uma disposição imposta invisivelmente, fundamental na dominação de alguns setores sociais sobre outros. No caso algumas tecnologias pela sua complexidade intrínseca ou pelo alto custo de incorporação na propriedade, ficam fora do alcance do pequeno produtor de leite.

A maioria dos produtores de leite no Brasil é de pequeno porte e, somado a isso, a falta de trabalhadores com bons níveis de educação formal e com modelos de produção adquiridos pela prática dificulta a eficiência da comunicação entre técnicos (não raramente transformados em cooptadores de produtores para os laticínios) e produtores sobre possibilidades e planos para a atividade (Martins 2005). Como homo economicus, racional a estímulos referentes às satisfações de suas necessidades, além do componente emocional, o desafio dos gestores de leite é encontrar linguagem e incentivo corretos para mostrar ao pequeno proprietário seu papel nesta economia, adequando o discurso técnico à prática da agricultura familiar como atividade profissional com o devido planejamento, metas e resultados.

A globalização gerou uma mudança, sobretudo, nas áreas predominantemente urbanas ou com algum vínculo urbano, transformando os sujeitos cada vez mais em autônomos e com identidades coletivas menos definidas. A situação rural tem um contorno característico das faixas de transição: por um lado é pressionado pelas leis de mercado a se modernizar, tanto no que concerne a tecnologia quanto às redes de negócios. Por outro lado, os pequenos produtores, principalmente os mais distantes geograficamente dos grandes centros urbanos, possuem um estilo de vida que permite levar a rejeição, examinada ou não, das novas relações difundidas de comportamento e consumo (Giddens 2002).

Por outro lado, a Pesquisa Agropecuária tem a responsabilidade de gerar soluções para a lucratividade e a sustentabilidade do setor produtivo, de qualquer nível de especialização, em benefício da sociedade (Embrapa 2010). Desde sua inauguração a Embrapa Gado de Leite desenvolve ações de transferência de tecnologias (TT) com vistas a disseminar os conhecimentos científicos gerados e adaptados na Unidade. Entretanto, para transferir tecnologias é preciso saber sobre as pessoas que receberão estas tecnologias e a forma como transmiti-las. É fundamental conhecer o ser humano que utilizará as tecnologias. Instituições de pesquisa e extensão precisam entender tecnologias não só pelo seu ponto de vista, mas também considerar os condicionantes que levam os produtores às suas decisões.

O objetivo deste artigo é analisar, além do impacto das informações técnicas sobre os produtores que fizeram visitas técnicas à Embrapa Gado de Leite, qual a perspectiva de sucessão na atividade leiteira nas famílias desses produtores.

METODOLOGIA

Para avaliar as possíveis causas da não adoção de tecnologias de parte considerável dos produtores, foram utilizadas as entrevistas feitas entre 03 de maio e 17 de junho de 2010 com os visitantes do Campo Experimental de Coronel Pacheco de 2004 a 2008, etapa parte do projeto “Avaliação dos impactos sócio-econômicos e técnico ambientais das ações de transferência de tecnologia da Embrapa Gado de Leite” que, além do conteúdo de análise técnica, possui também questões relativas ao aspecto social da atividade leiteira. Embora o projeto ainda não tenha sido concluído, as respostas obtidas ao final do processo de entrevista fornecem interessantes respostas referentes à especialização, situação atual da atividade, intenção de continuidade e possibilidade de sucessão do trabalho. A intenção não é avaliar conteúdos de discurso, mas perceber as causas dos principais problemas da atividade através da perspectiva dos entrevistados. Foram entrevistados 179 produtores que visitaram a Embrapa Gado de Leite no período citado acima. As entrevistas seguiram processo de ética e procedimentos padrão e pode ser definida como um encontro entre duas ou mais pessoas a fim de divulgar ou elucidar atos, idéias, planos. Segundo Romanelli e Biasoli-Alves (1998) a entrevista é uma relação didática que cria uma forma de sociabilidade específica e limitada no tempo.

Compararam-se as respostas com a organização espacial e perfil dos produtores descritos estatisticamente através de obras da Embrapa e de órgãos oficiais e, por fim, transferiu tal análise para o discurso dos principais pensadores contemporâneos para verificar como o lugar social pode afetar a adaptação de novos métodos de trabalho. Esta última etapa é fundamental no planejamento de estratégias para a solução do problema, porque muitas vezes há um distanciamento entre a pesquisa realizada e a aplicabilidade técnica, haja visto que, o produtor não têm um raciocínio somente econômico, em que a simples substituição das variáveis produtivas transformam um resultado; ele é um produto de seu meio e, como tal, estabelece suas relações para suprir suas necessidades e apreende culturalmente os métodos para garantir o sucesso deste objetivo.

Por fim, houve uma visita a campo para verificar a aplicabilidade da teoria social à prática: os produtores ainda estão organizados em uma solidariedade mantida sob aspectos coativos, cujo fator gregário dita as regras de como proceder no mercado. Esta observação se deu por duas vias, sendo a primeira a observação das crianças (sujeitos que reproduzem fielmente os modos de agir de seu meio) da região e, em segundo lugar, a observação da estrutura física e, em menor parte, social da comunidade (network). De qualquer forma, é considerado que há uma dinâmica entre a organização social do campo e do meio urbano, pois nenhuma é estável ou representa uma essência, o que facilita a avaliação da demanda e da adequação de projetos e linguagem de acordo com a região a ser analisada.

Vale ressaltar que não se busca uma descrição fiel do panorama brasileiro e, tampouco, elucidar uma teoria válida a qualquer construção social, mas a discussão sobre as possibilidades de ocorrer determinados tipos de configurações e levar a construção de alternativas a cada uma delas. Algumas das características da modernidade é a mutabilidade de suas instituições, portanto ater às condições econômicas e às leis do mercado para justificar determinadas posturas pode conduzir empreendimentos ao fracasso. No entanto, é possível traçar semelhanças nas construções sociais e nas ações pessoais, ainda que o indivíduo possua diversas redes, portanto, vários modos de relações.

RESULTADOS

Dos 853 produtores visitantes somente foram aproveitados 179 cadastros que foram analisados conforme os itens a seguir. Infelizmente, mais da metade dos cadastros não foram aproveitados devido a números de telefone que não permaneceram com o visitante, acompanhantes que preencheram o cadastro, cadastros incompletos, produtores de outras atividades e pessoas que preencheram dois cadastros. Estes resultados indicam a necessidade de maior acompanhamento durante o preenchimento destes. E indicam que foi acertada a estratégia de entrevistar por telefone no lugar de enviar questionário, onde o retorno é geralmente de somente 10% (Warwick e Lininger 1975).

Produtores com até 100 L/dia de leite - Foram entrevistados 179 produtores. Destes, 142 permanecem na atividade, sendo que destes, 54 (38%) têm uma produção de até 100L/ dia, são pequenos produtores. Estes produtores são predominantemente de Minas Gerais (61%). Entre os 37 produtores que saíram da atividade, 22 era de pequenos produtores. A causa apontada por 31% desses pequenos produtores que desistiram da atividade tem relação direta com a baixa remuneração do produto, que segundo alguns “não justifica o trabalho que a atividade dá”. Em relação à sucessão, dos 54 pequenos produtores 40% dizem ter sucessor, mas quando se pensa em incentivo que estes dão aos filhos ou sobrinhos para continuar na atividade a questão tem pontos de vista divergentes. Podemos separar o que estes proprietários entendem sobre o conceito de sucessor e herdeiro, porque há uma prática comum no discurso denunciando que o maior esforço relativo a incentivos é para a formação acadêmica em atividades ligadas ao campo, especialmente na função técnico agrícola. Isto pode significar que o produtor tem em mente sua identidade. No entanto, sabe perante as dificuldades da atividade que dificilmente será possível satisfazer suas necessidades e desejos relativos a consumo se utilizar da produção de leite como principal atividade para renda. Se considerarmos um lucro líquido total que a atividade pode gerar de R\$ 0,15 por litro, em uma produção de 3000 L/ mês a renda líquida mensal gerada é de somente R\$ 450 reais mensais. Mesmo considerando os complementos para subsistência em termos de horta, habitação, pequenas criações, entre outros, que a atividade leiteira propicia, ainda assim, para uma família de até 3 pessoas, a renda atende apenas as necessidades básicas não produzidas na propriedade. Diante disso, qual o estímulo que estes produtores podem dar aos seus filhos para que se dediquem a atividade?

Se a grande maioria das propriedades é de perfil familiar e com produção de alimentos para auto-consumo, isso significa que a atividade leiteira envolve um forte apelo social. Os produtores desestimulados com a produção de baixíssima rentabilidade culpando a si mesmos (“não sei fazer mais nada”), projetam em seus filhos a esperança de buscar novas opções de vida, incentivando-os a estudar (“virar doutor”). Aqueles que não têm condições de promover a maior escolarização dos filhos, simplesmente os incentivam a procurar algo na cidade. Isto não significa que eles têm baixa auto-estima como produtores, mesmo porque muitos herdaram a profissão de seus antepassados e a reconhecem como sua identidade maior (“eu sou produtor de leite”). Mas o problema se trata da imagem pessoal, pois são homens que sentem dificuldades em oferecer melhor qualidade de vida a seus familiares, presos a seu próprio destino.

Produtores com mais de 500 L/dia de leite - Os proprietários com produção acima de 500 litros correspondem a 14% dos entrevistados que continuam na atividade, sendo que dentre estes 95% tem alto nível de educação formal (nível médio ou superior) e a maioria tem algum vínculo com centros urbanos. Deste total, 70% dizem ter ou ser o sucessor do negócio. Apenas 40% desses médios/grandes produtores se dedicam exclusivamente à atividade leiteira. Entre os que conjugam a produção com outra atividade, 75% se dedicam ao gado de corte. Isto mostra que não se trata, na maioria dos casos, de “produtores de leite” característicos e a maioria se auto-denominam “empresários de leite”. Estas pessoas vêem na atividade leiteira a possibilidade de entrar em um negócio cujo investimento, a longo prazo, pode vir a ser a garantia de uma “aposentadoria tranquila” ou um investimento futuramente rentável. O que os diferenciam dos pequenos produtores é que entre os que não estão na atividade (5% do total de desistências) pensam em voltar em outro momento e as justificativas para a interrupção do negócio são “pausas momentâneas para reestruturação do modelo da propriedade” ou “gerenciamento amador do negócio” mostrando flexibilidade com os problemas administrativos, tendência a assumir os riscos e distanciamento pessoal com a atividade, entendida por eles como negócios. Estes produtores não falaram muito sobre sucessão, mesmo porque não há pressão cultural para que eles sigam a atividade, como no caso dos descendentes dos pequenos

produtores, já que as possibilidades de seus filhos desenvolverem profissionalmente outras atividades são maiores.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Nas últimas décadas verifica-se no Brasil o aumento significativo do número de produtores de leite, sem que o Estado pudesse acompanhar as demandas deste segmento. A expansão horizontal da atividade leiteira leva pequenos proprietários à informalidade que pode resultar em descontrole da qualidade do leite e a riscos a saúde da população (Gomes 2001). Como resultado, há grande concorrência entre lácteos formais e informais em um mesmo mercado.

A incapacidade de motivar as gerações seguintes de produtores de leite a permanecer na atividade é um problema com causas que, aparentemente, nada tem haver com a questão. Quando um produtor não consegue implantar soluções que melhorariam sua produção e com isso perde em competitividade, a tendência é o abandono da atividade. Na impossibilidade deste recurso, o estímulo é para que sua descendência não tenha a produção de leite como alternativa para investir seus esforços no futuro. Em escala global, a consequência para o Brasil é o desperdício do potencial na atividade devido à concorrência gerada pelo grande número de cadeias informais de produção.

A frase de alguns produtores “não justifica o trabalho que a atividade dá” deve ser examinada com cautela porque, apesar de sinalizar o descontentamento com a atividade, há outros valores em produzir leite que vão além do lucro. Quando políticas públicas forem pensadas, elas devem considerar que o pequeno produtor poderá ser penalizado, causando um problema social quando este sair da atividade (parte de sua identidade). Ao mesmo tempo, deve elaborar meios para organizá-los em centros eficientes no controle da produção garantindo a competitividade do produto no mercado. Da mesma forma que produção dispersa prejudica os negócios no país, a concentração também pode causar danos sociais com o êxodo rural. Quando a produção de leite garantir qualidade e competitividade, a consequência direta será o estímulo das pessoas envolvidas com a atividade. Se sentirão valorizadas tanto pessoalmente quanto compensadas financeiramente.

Em termos práticos, se faz necessária uma política social ao lado da tecnológica. Os profissionais que prestam assistência aos produtores devem entender o que estes desejam e entendem pela sua atividade. Explorar somente o lado econômico da produção leiteira não faz parte da rotina do pequeno produtor, que provavelmente rejeitará, por não julgar relevante, a maior parte das orientações técnicas. A linguagem tem valor fundamental para familiarizar o produtor - acostumado com relações mais pessoais, inclusive com seu trabalho - com todo o processo técnico, criando uma relação de confiança com o profissional responsável pela orientação.

Observar a heterogeneidade das realidades e em que bases elas se fundamentam é de grande importância para qualquer empreendimento que pretenda adequar suas ações para atender as demandas locais, neste caso as da classe produtora de leite. A marginalização, diferença e exclusão podem ser evitadas quando as alternativas desenvolvidas são versáteis e plurais a ponto de identificar a organização social, realocar o indivíduo dentro de sua atividade matriz e conscientizá-lo como parte fundamental da cadeia produtiva, focando no desenvolvimento e na profissionalização da atividade. Mobilizar a descendência desses produtores a continuar no campo, mas com capacitação técnica necessária para a condução da atividade, também tem grande importância, pois reestruturará a atividade com pessoas que somarão conhecimento técnico a vivência prática, lados fundamentais no aprimoramento da produção e da qualidade do leite.

A missão da Embrapa Gado de Leite é atender a sociedade e, por isso, trabalha além da pesquisa e da transferência de tecnologia. Embora não seja seu objetivo fazer o trabalho prático de extensão rural, é fundamental entender o público que a visita, como pensa, que projetos faz para o futuro, para trabalhar melhor com os agentes de extensão e assim atender a sociedade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. (2007). A distinção - crítica social do julgamento. Porto Alegre, Zouk. 560p.

EMBRAPA (2010). "Home page." Acessado 25/06/2010.

GIDDENS, A. (2002). Modernidade e identidade. Rio de Janeiro, Zahar. 256p.

GOMES, S. T. (2001). Diagnóstico e perspectivas da produção de leite no Brasil. Cadeia de lácteos no Brasil: restrições ao seu desenvolvimento. D. B. Vilela, M.; Cunha, A. Juiz de Fora, Embrapa: p. 21-37.

MARTINS, P. C. (2005). Oportunidades e desafios para a cadeia produtiva do leiteA cadeia produtiva do leite. A inserção do Brasil no mercado internacional de lácteos. R. C. Zoccal, L. A.; Martins, P.C.; Arcuri, P. B.; Moreira, M. S. P. Juiz de Fora, Embrapa Gado de Leite.

ROMANELLI, G. e Z. M. M. O. BIASOLI-ALVES (1998). Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa. Ribeirão Preto, Legis Summa.

WARWICK, D. P. e C. A. LININGER (1975). The sample survey: theory and practice. New York, McGraw-Hill. 344p.

ANEXOS